

RUAN DE SOUSA GABRIEL E
 IVAN MARTÍNEZ-VARGAS
 segundocaderno@oglobo.com.br

Intraduzível é o adjetivo mais comumente associado a "Ulisses", romance do irlandês James Joyce, publicado há exatos cem anos, que revolucionou a literatura com intrincados jogos de linguagem, fluxos de consciência labirínticos e um diálogo inusitado com a "Odisseia" de Homero. O Odisseu moderno é Leopold Bloom, judeu que angaria anúncios para um jornal e passa o dia 16 de junho de 1904 perambulando por Dublin até retornar para sua esposa, a adúltera Molly. Embora verter "Ulisses" para outra língua seja uma verdadeira odisseia, o Brasil é o país que mais traduziu o romance de Joyce no mundo. Já são três, e uma quarta está a caminho. Nenhum outro idioma conta com tantas traduções de "Ulisses" quanto o português: além das brasileiras, há duas lusitanas.

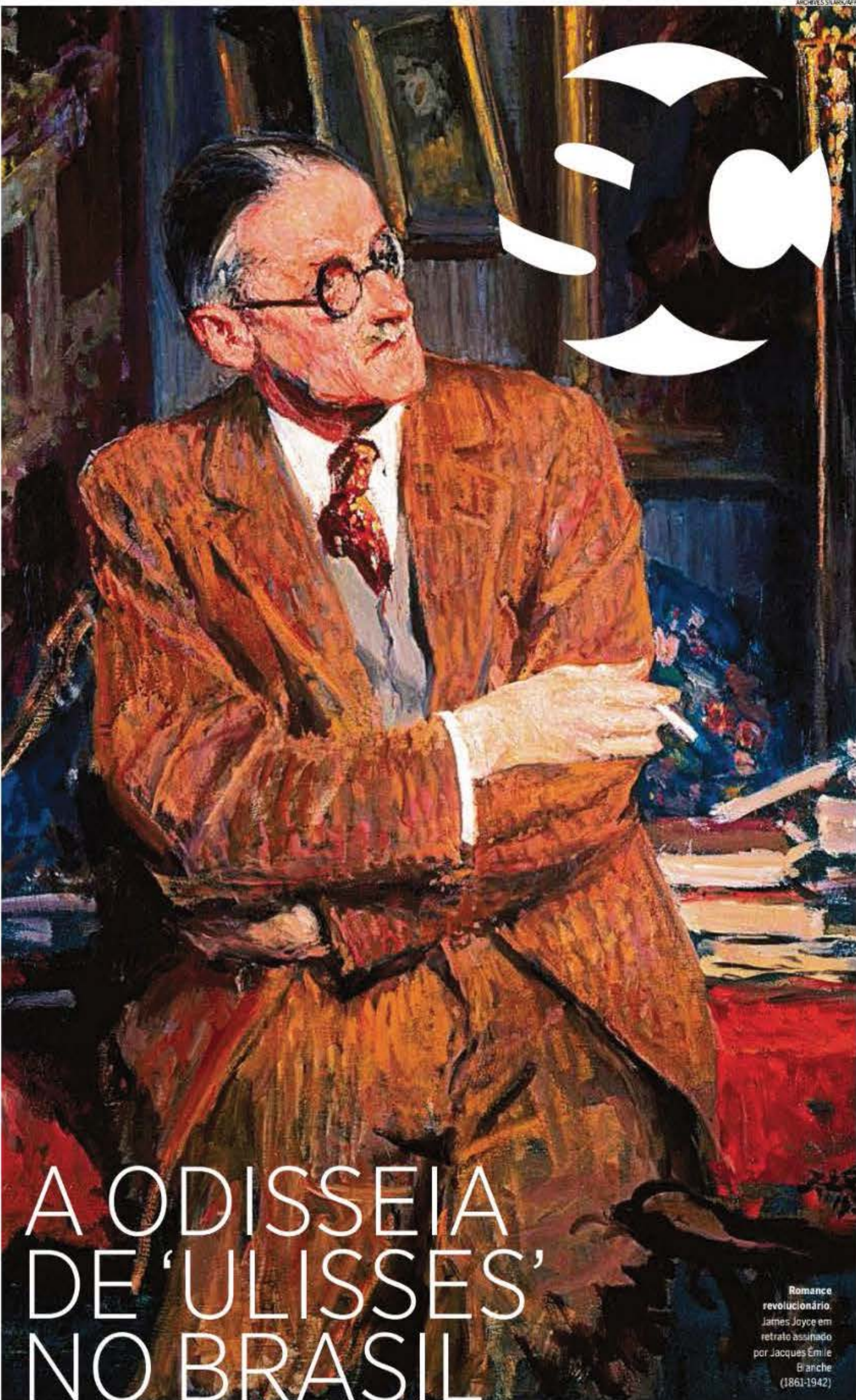
Lançado em 2 de fevereiro de 1922 em Paris, pela livraria Shakespeare & Company comandada por Sylvia Beach — a publicação do romance foi seu presente de aniversário para o amigo Joyce, que completava 40 anos —, "Ulisses" não demorou a chamar atenção da *intelligentsia* brasileira. O primeiro a escrever sobre a odisseia joyceana foi Mário de Andrade, em "Da fadiga intelectual", em junho de 1924. Sérgio Buarque de Holanda chegou a prometer algumas palavras sobre "Ulisses", mas desistiu ao saber que Gilberto Freyre também preparava um ensaio sobre o livro. Em dezembro de 1924, no Diário de Pernambuco, Freyre descreveu o romance como "reportagem taquigráfica de flagrantes mentais": "O inglês das suas obras é o que será difícil de soletrar", afirmou. E com razão. As primeiras traduções de "Ulisses" ainda demorariam um bocado para aparecer por aqui. Trechos da obra foram traduzidos por Erasmo Pilotto, Pagu e Haroldo de Campos em 1946, 1947 e 1962, respectivamente.

TRANSMIGRAÇÃO DAS ALMAS

A primeira tradução integral de "Ulisses" em português foi lançada pela Civilização Brasileira, em 1966. Afastado da diplomacia pela ditadura militar, o filólogo Antônio Houaiss (1915-1999) traduziu as mais de 700 páginas em menos de um ano. A segunda apareceu em 2005, de Bernardina da Silveira Pinheiro (1922-2021), uma das maiores estudiosas de Joyce no país, e lançada pela Objetiva. Em 2012, a Companhia das Letras publicou a versão de Caetano W. Galindo, com reedição chegando hoje às livrarias. E, em junho, pela Ateliê Editorial, sairá uma tradução feita a 36 mãos. Organizador de "Ulisses, a dezoito vezes", Henrique Xavier recorre ao conceito de "transmigração das almas", crucial no romance (os personagens de Homero "reencarnam" nos de "Ulisses"), para justificar o projeto.

— Para reencarnar de novo em português, "Ulisses" precisou de 18 tradutores diferentes na impossibilidade de encontrar uma única alma gêmea — diz ele.

Segundo Xavier, as traduções precedentes homogeneizam linguagem dos 18 episódios do livro, cada um deles inspirado em diferentes tradições literárias. Entre os tradutores, estão estudiosos e admiradores de "Ulisses" como Lucí Collin, Luisa Geisler e Donaldo Schüller, que verteu



Romance revolucionário. James Joyce em retrato assinado por Jacques-Émile Blanche (1861-1942)

A ODISSEIA DE 'ULISSES' NO BRASIL

PAÍS QUE MAIS TRADUZIU A 'INTRADUZÍVEL' OBRA-PRIMA DE JAMES JOYCE, LANÇADA HÁ EXATOS CEM ANOS, TERÁ EM BREVE A QUARTA VERSÃO DO ROMANCE, FEITA A 36 MÃOS

outra obra intraduzível de Joyce para o português: "Finnegans Wake" ("Finnegans Wake"), cuja reedição inaugurou a coleção "Rolariuana", que lança "Ulisses, a dezoito vezes". Professora da UFSC, Dirce Waltrick do Amarante foi incumbida da tradução do segundo episódio do romance, "Nestor".

— Ao traduzir, me senti como o protagonista do conto "Dreamtigers", de Jorge Luis Borges, que conhece tudo sobre o tigre, mas quando vai reproduzi-lo em sonhos, ele surge "dissecado" e "com impuras variações de forma". Então exclama

(e eu também) "Oh, incompetência" — diz Dirce.

O poeta e tradutor Augusto de Campos elogiou a disposição de Houaiss para "subverter o idioma para corresponder às invenções do original". Erudita, a tradução do filólogo já foi acusada de ser mais complicada do que o original em inglês. André Conti, que editou a tradução de Galindo, em 2012, discorda. Para ele, a tradução de Houaiss é primorosa e deve ser lida como resposta ao anseio de modernistas como os irmãos Campos de indicar "o tamanho da genialidade estética" da obra. A recente reedição do "Ulisses"

de Houaiss (lançada no final de 2021) foi criticada pelo corte de um trecho do texto de Campos e pela substituição do consagrado esquema de análise de Carlo Linati, que relacionava os episódios do romance aos da "Odisseia" por um guia de leitura assinado pelo escritor Ricardo Lísis, publicado originalmente em uma revista, em 2008.

— Foi feito para um público amplo, não para a academia. Não sou um especialista, mas um admirador — afirma Lísis, para quem boa parte das críticas veio de quem não leu seu guia. — Teve crítica com motivações pessoais escrita

para ser compartilhada em rede social.

Na contramão de Houaiss, a tradução de Bernardina, cuja reedição a Nova Fronteira promete para junho, notabilizou-se por recuperar a coloquialidade do texto.

— Bernardina conheceu o irmão de Joyce e conviveu com o biógrafo dele, Richard Ellmann. Quando ela traduz o livro, tem uma perspectiva de consolidação de fortuna crítica e estudos sobre o livro que não estavam disponíveis para Houaiss — diz Conti.

OBRA SEM BULA DE LEITURA, NA PÁGINA 2

CONTINUAÇÃO DA CAPA

UMA OBRA CHEIA DE VIDA E SEM BULA DE LEITURA

Para André Conti, enquanto a tradução de Houaiss capta "o movimento polissêmico de vozes, estilos e narradores" da obra, a de Bernardina da Silveira Pinheiro prioriza a trama.

— Ela se vê diante da possibilidade rica de mostrar que ali tem um livro que conta a vida de uma pessoa vivendo um drama no casamento, é um excluído da sociedade antisemita da época. A trama importa e ela evidencia isso — diz Conti.

Caetano Galindo, por sua vez, buscou tanto a fluidez que por vezes falta em Antônio Houaiss quanto a fidelidade aos jogos de palavras, sacrificada em alguns trechos por Bernardina para não afastar o leitor. Segundo Galindo, as dificuldades de traduzir "Ulysses" (ele optou por grafar o título do livro com Y) são de "toda ordem": "oralidade, jogos de palavras, tipo de narrador, interpenetração de narrador e consciência de personagens etc." Mas a odisseia vale a pena.

— "Ulysses" é um romance cômico, dotado de uma capacidade quase infinita de ternura, que não dá as coisas ao sofrimento. Escandalosamente carnalizado, mudou a história da literatura ao afirmar o afeto e o riso. Não é pouca coisa — afirma Galindo. — Ele nos propõe um muito menos trágico, pós-religioso, anárquico e pacifista, movido pelo interesse, pela curiosidade e pela tolerância.

Ler "Ulysses" é outra odisseia. Não são raros os que desistem no meio do caminho. Para Ricardo Lísias, criou-se no Brasil um fetichismo em



Parceria. Sylvia Beach e Joyce: dona da livraria Shakespeare & Company, em Paris, ela publicou a primeira edição de "Ulysses" como presente para o amigo

torno da obra que reforça a dificuldade. Ele também critica interpretações acadêmicas de "Ulysses".

— Uma das grandes características do modernismo artístico é dar autonomia ao leitor, o que parece não ser aceito no Brasil. O leitor pode e

deve ler "Ulysses" e dizer o que entendeu.

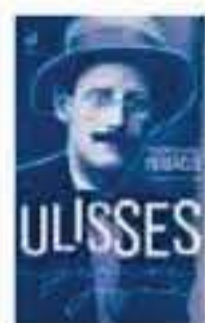
Essa compreensão é tão válida quanto a do maior especialista — diz Lísias, para quem "Ulysses" não está aquém da capacidade interpretativa dos leitores. — Todas são excelentes.

Para Conti, é preciso reconhecer que o romance é, sim, uma leitura difícil, mas ao mesmo tempo prazerosa.

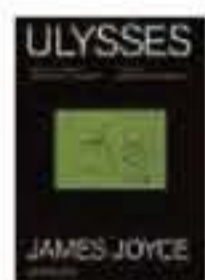
— O livro é cheio de desafios, mas recompensa o esforço do leitor. Se você

leu "O retrato do artista quando jovem" antes de ler "Ulysses", a experiência é outra. Vale o esforço. Se você não entender as referências à política irlandesa, vai encontrar ali uma história engraçada, cheia de vida — afirma Conti, lembrando que "Ulysses" é simultaneamente objeto de repulsa e curiosidade. — Nos anos 1990, havia um anti-intelectualismo no país. Falava-se em tirar a literatura do pedestal. E quem estava nesse pedestal era "Ulysses".

(Ruan de Sousa Gabriel e Ivan Martínez-Vargas)



"Ulysses"
Autor: James Joyce
Tradução: Antônio Houaiss
Editora: Civilização Brasileira
Páginas: 812
Preço: R\$ 79,90



"Ulysses"
Autor: James Joyce
Tradução: Caetano W. Galindo
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 848
Preço: R\$ 189,90

TRECHO DO MONÓLOGO DE MOLLY BLOOM, POR LUCI COLLIN

"SIM porque ele nunca fez coisas assim antes isso de pedir cafénacama com 2 ovos desdo hotel City Arms quando ele gostava de fingir que tava de cama com voz de doente se pagando de sualzeza pra parecer adorável praquela velha desgraçada Dona Riordan que ele achava que tinha no bico e ela não deixou pra nós nem um troco tudo pra missa pra ela mesma e pralma dela grandíssima pãodura sempre tinha era medo até de gastar 4p no álcool desaturado dela me contando da doençarada dela todo aquele talatório caduco sobre política e terremotos e o fimdo-mundo deixa a gente terem pouco de diversão primeiro Deusque proteja o mundo se tudo que mu-

lher fosse quem ela contra maiô e decote claro que ninguém ia querer que ela usasse isso eu acho que ela era uma carola porque homem nenhum ia olhar pra ela 2 vezes espero nunca ficar quem ela me admira quenão quisesse queagente cobrisse a cara mas ela de certo era mulher bemcriada e aquela tagarelice dela sobre o Seu Riordan pracá e o Seu Riordan pralá acho que ele ficou foi é taceiro de se livrar dela e do cachorro dela que ficava me cheirando toda e sempre se metendo porbaixo da minha anágua principalmente quando eu tava mas mesmo assim eu gosto disso nele gentil com idosas comoaquela e garçons e pedintes tam-

bém ele nãoé orgulhento assim do nada mas nem sempre se alguma vez ele tivesse alguma coisa bem séria mesmo com ele é muito melhor pra eles irem prum hospital ondetudo é limpo mas acho quia levar bem 1 mês pra meter isso na cachola dele SIM e então a gente ia teruma enfermeira de repente dava briga com a direção deixarele por lá atéque botassem ele pra fora ou uma freira quem aquela da foto indecente quele tem aquelalá é tão freira quanto eu SIM porque eles são tão fracote e choraminga quando ficam doentes eles precisam duma mulher praficar bem se sai sangue do nariz dele você chega a pensar que era Ótragédia

e aquela cara de tãomrendo quando desceu do circular sul quando ele torceu o pé na festa do coro no Monte do pãodaçúcar no dia queu usei aquele vestido a senhorita Stack trazendo pra ele as flores mais estragadinhas que pode achar no fundo da cesta fazendo qualquercoisa mesmo pra se meter num quarto dum homem com aquela voz dela de solteirona tentando imaginar quele tava morrendo por ela por nunca mais ver vossa face de novo apesardele parecer mais homem mesmo com a barba meia crescida na cama meu pai era a mesmacoisa e além disso detestoficar fazendo curativo e dando remedinho quando ele deu uma

navalhada no dedãodopé removendo os calos se apavorou daquilo arruinar mas se fosse eu a doente então a gente ia ver qualeira a atenção só que claro a mulher esconde isso pra não dar toda trabalhadeira que eles dão SIM ele gozou nalgum lugar tô certa disso pelo seu apetite detodomodo amor quenãoé senão ele ia tá inapetente só pensando nela então ou foi uma dessas mulhe-resdavidada se é quefoi lá quele foi mesmo e a história do hotel quele inventou uma porção de mentira pra esconder tramando tudo o Hynes que me deteve quem queu encontrei mesmo Ah SIM eu encontrei você se lembra o Menton e quem mais deixaver aquele

cum carõenenê eu vi ele e ele casado de recém flertando cum mocinha no Miriorama Pooles e virei as costas pra ele quando ele se escapou com cara dequem sabia do estrago mas teve o des-caramento de se engraçar comigo umavez bem feito pra ele um matraca e os olhos cozidos dele de todos os paspalhões que já conheci e que são chamados só de juristas pois eu detesto longas discussões na cama ou então se não foi isso foi alguma cadelinha porai quele arranjou sabe-se lá onde ou cortejou escondido se elas pelo menos conhecessem ele tão bem quanto eu SIM" (Trecho de "Ulysses" que sai em junho pela Ateih Editorial)

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE
Especial para O GLOBO

A carta cujos trechos são reproduzidos aqui foi escrita por James Joyce para o escritor e tradutor italiano Carlo Linati, um ano antes da publicação de "Ulysses". Linati traduziu, entre outros, Yeats, Stevenson e D.H. Lawrence, e cogitava também traduzir "Retrato do artista quando jovem", de Joyce. Contudo, do autor, acabou traduzindo a peça "Exilados" e algumas passagens de "Ulysses". Junto com a carta, Joyce enviou seu famoso esquema do romance, em que dá um título a cada capítulo do livro e o relaciona a uma passagem da "Odisseia", de Homero.

ESQUEMA DE UM ROMANCE 'TRÊS VEZES MALDITO'

Também os associa a um órgão do corpo, a uma cor etc. A explicação ficou conhecida como "esquema de Linati". Há uma menção a Mario Dessy, editor da revista Poesia, que iria publicar um excerto de "Ulysses". A carta foi escrita em italiano, mas traduzida a partir da sua versão em língua inglesa, que integra o primeiro volume de "Letters of James Joyce", publicado pela The Viking Press em 1966. Joyce usava uma pontuação própria e frequentemente omitia vírgulas, o que foi preservado

na tradução para o português. "21 de setembro de 1920. Caro Sr. Linati, A respeito da sugestão do Sr. Dessy, acredito que em razão do volume enorme e da mais do que enorme complexidade do meu romance três vezes maldito seria melhor lhe enviar uma espécie de sumário — chave — esboço — esquema (apenas para o seu uso pessoal). Talvez a minha ideia fique mais clara quando você receber o texto. (...) Eu

só coloquei palavras-chave no meu esquema, mas acredito que você o entenderá de qualquer maneira. É um épico de duas raças (israelense - irlandesa) e ao mesmo tempo o ciclo do corpo humano bem como uma história de um dia (vida). A personagem Ulysses sempre me fascinou — mesmo quando menino. Imagine, quinze anos atrás comecei a escrever um conto para "Dublinenses"! Por sete anos tenho trabalhando nesse livro — maldito seja! É

também um tipo de enciclopédia. Minha intenção é transpor o mito sub specie temporis nostri. Cada aventura (isto é, cada hora, cada órgão, cada ponta estando interconectadas e interrelacionadas no esquema estrutural como um todo) não deve apenas condicionar mas também criar sua própria técnica. (...) Nenhuma gráfica inglesa quis imprimir uma palavra dele. Na América, a revisão foi cancelada quatro vezes. Agora, segundo ouvi, um grande movimento está

sendo organizado contra a publicação, iniciado por puritanos, imperialistas ingleses, irlandeses republicanos, católicos — que aliança! Meu Deus, eu devia ganhar o prêmio Nobel da Paz! (...)

P.S. Céus, que folhas de papel horríveis eu escolhi para o esquema — realmente faz jus a esse livro horrível! Por favor envie-as de volta para mim pela honra da família!"

Dirce Waltrick do Amarante organizou "Finnegans Rivolta", tradução de Finnegans Wake, a ser publicada pela Iluminas